



# O crédito que transforma sonhos em negócios

**Microcrédito.** Sofia e Fátima são dois exemplos de desempregadas feitas empresárias. Associação sublinha sucesso acima da média

PEDRO SOUSA TAVARES

Sofia Burnay tinha acabado uma pós-graduação e um estágio profissional, na área do serviço social, quando uma "inaceitável" proposta de trabalho a fez pensar em pegar no seu destino com as próprias mãos. "Como não sou pessoa de estar parada muito tempo, percebi que não valia a pena esperar por uma oportunidade", conta ao DN. "Dirigi-me à Associação Nacional de Direito ao Crédito (ANDC), consideraram o projeto viável e passado uns tempos tinha a minha primeira carrinha."

Assim nasceu, com 3500 euros de investimento inicial, a AVó leva & AVó Cuida. Sete anos depois, a empresária de 34 anos gere uma marca que "presta serviços de atividades de tempos livres, baby-sitting, organização de festas de anos e transporte de crianças". Conta com uma frota de 14 carrinhas, o mesmo número de colaboradores permanentes e um número variável de colaboradores sazonais: "Por exemplo, nesta época do Natal, contratamos mais técnicos para os nossos ATL", ilustra.

Aos que querem arriscar, Sofia aconselha um misto de entusiasmo e de planeamento. "Esse é um dos pontos de partida: ter uma ideia que nos apaixone e tenha pés e cabeça. Depois é apresentá-la à ANDC e eles com certeza vão saber dizer se esta ideia é válida ou não. "Nem sempre é possível", avisa. "Mas às vezes aparecemos lá com um sonho e eles transformam-no num negócio."

Esta é também a experiência de Fátima Garcia, licenciada em Sociologia, que estava desempregada há um ano quando decidiu arriscar num projeto próprio, recorreu ao microcrédito e hoje tem um negócio que dá forma ao papel, com uma loja especializada em origami, na Mouraria, em Lisboa.



Sofia recusou um salário baixo. Agora emprega 14 pessoas



Fátima é socióloga de formação mas o seu negócio é o origami

Aos 31 anos, Fátima Garcia conta com o espaço Mãos à Dobra, onde tem à venda vários objetos e acessórios em origami, técnica japonesa especializada na arte de dobrar o papel, um gosto que já a acompanhava há longos anos.

"Este negócio surgiu de uma ideia que eu já tinha há alguns anos", disse à Lusa a socióloga.

Para Luís Meneses, presidente da ANDC, a imagem do sonho transformado em negócio ilustra na perfeição este sistema: "Criar o

próprio negócio para não depender de terceiros, criar o próprio emprego quando estamos no desemprego, ter uma atividade na qual controlamos todas as fases é o sonho de muita gente, mas nem todos sabem como o realizar", diz. "É para isso que a ANDC existe."

#### Taxa de sucesso acima da média

A propósito do Dia Nacional do Microcrédito, que hoje se assinala, a ANDC apresentou ontem um estudo revelando que 46% dos entrevistados que beneficiaram dos seus empréstimos há sete anos mantêm o negócio financiado. Uma taxa de sucesso "maior do que a média" geral das empresas nacionais, lembra Luís Meneses, citando dados do INE segundo os quais apenas 30,7% dos negócios sobrevivem ao fim de cinco anos.

Além disso, acrescenta, "nem todos os negócios que terminaram podem ser considerados insucessos". Uma conclusão que ilustra com outro indicador, igualmente importante para a ANDC: "Mais de 80% dos inquiridos dizem que as suas vidas melhoraram, um pouco ou substancialmente." com Lusa

#### NÚMEROS

##### 46% CONTINUAM

Entre os beneficiários de microcrédito portugueses apoiados pela ANDC há sete anos, perto de metade mantêm o negócio. Em Portugal, em média, apenas 30,8% das empresas sobrevivem aos cinco primeiros anos de atividade.

##### 87% APROVAM

No total de inquiridos no estudo, 72% dizem que ter beneficiado de um microcrédito foi "muito impor-

tante" para as suas vidas e "17%" dizem que foi "algo importante". Mesmo entre os que já não têm o negócio, 66% consideram que o apoio foi "muito importante".

##### VALORES MAIS ALTOS

Os conselhos deixados pelos beneficiários à ANDC incluem o aumento dos valores de crédito concedidos (39%) e a divulgação no site dos serviços e produtos dos microempresários (28%).